

O CLICHÊ E O PARADOXO DO TEMPO EM DELEUZE-GUATTARI: pistas para pensar as dimensões éticas, estéticas e políticas do currículo e da formação

Carlos Eduardo Ferrazo¹
Maritza Maciel Castrillon Maldonado²

Recebido em: 17/11/2015 - Aceito em: 02/01/2016

Resumo: Trata-se da discussão dos conceitos de clichê, máquina abstrata de rotação, acaso e paradoxo do tempo, com vistas à produção de pistas que nos forcem a pensar as dimensões éticas, estéticas e políticas do currículo e da formação. Busca-se problematizar algumas pesquisas por nós realizadas tendo Gilles Deleuze e Félix Guattari como principais interlocutores. Elege-se pensar o clichê e a possibilidade de seu esvaziamento, assim como a lógica do sentido e seus paradoxos, tendo as experiências que acontecem nos cotidianos das escolas e, ainda, as experiências de Alice no país das maravilhas, como agenciamentos potentes para a produção de possíveis que nos provoquem a ir além dos limites/territórios que, normalmente, fecham e condicionam os discursos sobre currículo e formação. Assume-se o acaso e o paradoxo do tempo como intensidades que territorializam, desterritorializam e reterritorializam processos curriculares e de formação na imanência dos processos educacionais.

Palavras-chave: Currículo. Formação. Clichês. Paradoxo do tempo.

THE CLICHÉ AND THE PARADOX OF TIME IN DELEUZE-GUATTARI: clues to think as ethical, aesthetic and political dimensions of the curriculum and teacher's education

Abstract: This consists in discussion about the cliché concepts, abstract machine of rotation, random and the time paradox, with views to production of clues to force us to think about the ethical dimensions, aesthetics and curriculum politics and formation. The aim is to problematize some searches performed by us with Gilles Deleuze and Felix Guattari the main interlocutors. Chose think the cliché and the possibility of his emptying, as a the logical of sense and paradoxes, having experiences what happens on everyday schools and furthermore, as experiences in Alice in wonderland, how powerful assemblages for a possible production that cause us a go beyond the limits/territories what a usually close and condition the discourses about curriculum and formation. Assume the random and the time paradox how intensities what territorialized, deterritorialized and reterritorialized curricular processes and formation at immanence of educational process.

Keywords: Curriculum, Formation, Clichés and Time Paradox.

¹ Professor no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES, Realizou estágio de pós-doutoramento no PROPed/UERJ-Bolsa PNPd/CAPES, sob a supervisão da professora Dra. Nilda Alves. E-mail: ferraco@uol.com.br

² Professora no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNEMAT. E-mail: maritzacmaldonado@gmail.com

MÁQUINA ABSTRATA DE ROSTIDADE, ACASO E CLICHÊ

As leituras de Deleuze (2000, 2006, 2007a, 2007b, 2009) e de Deleuze & Guattari (2001, 2008a; 2008b) nos forçam a pensar³ a possibilidade de provocar, nos cotidianos das escolas "com" (FERRAÇO, 2003) as nossas pesquisas, um movimento que teria como um de seus principais objetivos o que Gilles Deleuze (2007a) chama de "romper"⁴ com os clichês. Para o autor (2007a, p. 19), "seria um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície em branco e virgem. A superfície já está investida virtualmente por todo tipo de clichês com os quais torna-se necessário romper".

Essa atitude de pesquisa com os cotidianos, realizada em meio à complexidade dos processos de formação e dos currículos em redes das escolas, não se traduziria em um método para descobrir como explicar, representar ou mesmo romper com os clichês, mas se constituiria como uma *longa preparação* (DELEUZE; PARNET, 2004), potencializando questões de investigação, a saber: Que *imagensnarrativas* inventadas pelos praticantes das escolas (CERTEAU, 1994) ajudam a furar os clichês e as metáforas que evocam certezas, buscam consensos e favorecem o pensamento óbvio? Que forças essas *imagensnarrativas* que mutilam os clichês podem favorecer para as dimensões ético-estético-políticas das redes curriculares e de formação que agenciam e fortalecem movimentos de expansão dos modos de vida de seus praticantes?

Pensamos que os agenciamentos não são da ordem da intencionalidade, mas se dão no plano das forças, gerando o aparecimento de formas que, em diferentes situações produzem e/ou reforçam *imagensnarrativas* clichês. Também somos violentados a pensar que as tensões que surgem nos cotidianos das escolas favorecendo a produção dos clichês sempre provocam movimentos, quase sempre imperceptíveis, de obstrução dos próprios clichês, atestando a potência de afirmação da vida das experiências dos praticantes.

Assim, em nossas pesquisas, problematizar as *imagensnarrativas* desses praticantes implica assumir uma atitude ético-estético-poética de devir diante das falas-gestos. Intuímos⁵ que é através dos devires que conseguiremos reagir contra os clichês. E, como falam Deleuze e Guattari (2008b, p.89), "o que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante. Você não se desvia da maioria sem um pequeno detalhe que vai se pôr a estufar, e que lhe arrasta". No livro *Francis Bacon. Lógica da Sensação*, Deleuze (2007a) mostra como Cézanne conseguiu escapar do clichê em sua pintura, na medida em que dava uma interpretação inteiramente intuitiva de objetos reais em sua natureza morta.

Clichês, clichês! Não se pode dizer que a situação tenha melhorado depois de Cézanne. Não apenas houve multiplicação de imagens de todo tipo, ao nosso redor e em nossas cabeças, como também as reações contra os clichês engendram clichês. (DELEUZE, 2007a, p.93).

Cândido (2011), com base no conto "O espelho" de Guimarães Rosa, infere sobre a dificuldade que temos em renunciar ao clichê. Para ele, independente dos nossos esforços, os

³ "Pensar é experimentar, é problematizar... É, a cada vez, inventar o entrelaçamento, lançar uma flecha de um contra o alvo do outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis. Pensar é fazer com que o ver atinja seu limite próprio, e o falar atinja o seu, de tal forma que os dois estejam no limite comum que os relaciona um ao outro separando-os". (DELEUZE, 1998, P.124)

⁴ Deleuze (2000, 2006, 2007a, 2007b, 2009) usa diferentes verbos para se referir aos processos de romper com o clichê, dentre os quais destacamos: combater, deformar, desaparecer, desobstruir, desvencilhar, escapar, esvaziar, extirpar, falsificar, hostilizar, limpar, livrar, lutar, maltratar, mutilar, parodiar, reagir, rejeitar, renunciar, transformar, triturar etc. O mesmo acontece com os verbos que se referem aos seus processos de produção: acumular, aderir, convocar, multiplicar, renascer etc.

⁵ Estamos partindo da noção de intuição de Bergson (1999) problematizada por Deleuze (1999).

clichês multiplicam-se vorazmente e nos enganamos se os consideramos como naturais. Ao falar sobre as diversas máquinas modernas, Cândido (2011, p.51-53) destaca a do clichê, na qual o sentido da visão seria privilegiado.

Ao abordarmos a máquina de clichê não podemos correr o risco apontado por Deleuze de engendrar novos clichês (e muito menos recorrer a velhos clichês) [...]. Não é tarefa fácil, sabemos. Numa sociedade (cada vez mais) midiática, em que os clichês já nos cercam no útero, os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais.

A velocidade com que os clichês são produzidos e multiplicados na sociedade atual remete-nos à discussão de Deleuze e Guattari (2008a) sobre *rostidade* ou, ainda, *máquina abstrata de rostidade* que, em linhas gerais, se pautaria por agenciamentos de poder que necessitam da produção social do rosto. Ao defenderem que uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um pai, um chefe, um professor primário, um policial não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos, os autores nos forçam a pensar que um rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente. Como falam Deleuze e Guattari, (2008a, p.34-36),

Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significantes seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. [...] Se o homem tem um destino, esse será o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino.

Considerando, então, nossa condição de clandestinidade como potência do acaso capaz de reagir aos clichês produzidos nos cotidianos das escolas, sobretudo aqueles que afirmam as "práticas de inclusão", nos empenhamos em não interpretar, mas experienciar (DELEUZE; PARNET, 2004), com a realização da pesquisa, diferentes processos potencializadores de modos de se escapar das rostificações, isto é, de se desfazer dos rostos que são criados cotidianamente, grudando as pessoas em identidades fixas, em rótulos que, como denunciam Deleuze e Guattari (2008a, p.45), cumprem a função de fazer o reconhecimento de cada um, inscrevendo-os no conjunto do quadriculado da máquina abstrata, rejeitando aqueles rostos que nos parecem suspeitos, pois não estão de acordo com os nossos modelos de normalidade, e aceitando os que nos parecem familiares, aqueles que reconhecemos como normais.

Rosto de professora e de aluno, de pai e de filho, de operário e de patrão, de policial e de cidadão, de acusado e de juiz... A máquina abstrata de rostidade assume um papel de resposta seletiva ou de escolha: dado um rosto concreto, a máquina julga se ele passa ou não passa, se vai ou não vai, segundo as unidades elementares. A correlação binária dessa vez é do tipo 'sim-não'. (DELEUZE; GUATTARI, 2008a, p.44)

Deleuze e Guattari (2008a) inferem, ainda, que a máquina abstrata de rostidade produz relações binárias entre o que é aceito em uma primeira escolha e o que não é tolerado em uma segunda ou terceira escolha. Como exemplificam (2008a, p.45), "Ah, não é nem um homem nem uma mulher, é um travesti: a relação binária se estabelece entre o 'não' de primeira categoria e um 'sim' de categoria seguinte". A relação binária estabelecida, nesses casos, pela máquina abstrata de rostidade pode pressupor, sob certas condições, uma tolerância, ou ainda, indicar que se trata de um inimigo que é necessário extinguir a qualquer preço.

Compreende-se que, em seu novo papel de detector de desvios, a máquina de rostidade não se contenta com casos individuais, mas procede de modo tão geral quanto em seu primeiro papel de ordenação de normalidades. Se o rosto é o Cristo, quer dizer o Homem branco médio qualquer, as primeiras desvios, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria. (DELEUZE & GUATTARI, 2008a, p.45).

Retomando, então, a fala dos autores (2008b, p.89) sobre a força do que nos precipita num devir, isto é, algo inesperado, insignificante, um pequeno detalhe que nos toma de surpresa, que nos arranca de nossos lugares de acomodação, vamos nos dar conta da impossibilidade de se ter protagonistas para as ações que visam a superar o racismo, o preconceito, a rostidade ou o clichê. Não há intencionalidade de pesquisador que consiga fazer isso. Precisamos, sempre, também contar com o acaso!

Ao narramos as experiências de Alice no mundo das maravilhas e seu trânsito entre o ser do real, do possível e do impossível, exercitamos, na narrativa de Carroll, o rompimento com os clichês, com desfazer o rosto e as rostificações. Alice torna-se imperceptível, clandestina, como o gato que sorri e desaparece.

A LÓGICA DO SENTIDO E O PARADOXO DO TEMPO

(ou, Alice e o sorriso sem gato)

*“Bem! Já vi muitas vezes um gato sem sorriso”,
pensou Alice;
“mas um sorriso sem gato!
É a coisa mais curiosa que já vi na minha vida”
(CARROLL, 2009, p.79)*

Ela é Alice, uma menina que tem um nome que a constitui, que a designa, que lhe garante uma identidade. Ela acredita e deseja ser Alice. Assim, Alice nela permanece. Alice procura uma lógica, um sentido para a pressa do coelho em chegar.

Mas, ela é também uma história, um enigma, uma aventura; uma sobrinha que tem um tio que usa de preposições para compor um enredo. Um enredo disforme, que narra acontecimentos que colocam Alice em contato com um mundo desconhecido e que a transformam a cada novo encontro. Alice se perde em paradoxos, perde seu rosto, sua identidade e não sabe mais dizer quem é.

Alice, assim, transita entre “o ser do real”, como matéria das designações, o “ser do possível”, como forma das significações e o “extra-ser”, que define um mínimo comum ao real, ao possível e ao *impossível* (Deleuze, 2007, p. 38), que acontecem e insistem nas proposições.

Carroll nos coloca num círculo e nos reduz ao Paradoxo, esse é o alerta de Deleuze. Para o filósofo “a significação não pode nunca exercer seu papel de último fundamento e pressupõe uma designação irreduzível” (p. 19). Assim, ele nos remete ao Sentido, enquanto o expresso da proposição, que é irreduzível aos estados de coisas individuais, às imagens particulares, às crenças pessoais e aos conceitos universais e gerais; é irreduzível ao verdadeiro e ao falso. O sentido é o expresso, é uma entidade não existente. O expresso por Carroll é uma Alice que se perde... que não vê a diferença entre uma pergunta com resposta clara e distinta: “quantos quilômetros será que caí até agora?”(CARROLL, 2009, p. 15) e outra, sem resposta pronta, que faz o pensamento pensar e que, talvez, nem resposta tenha, como: “por que um corvo se parece com uma escrivinha?”(id., p. 81). Carroll faz, segundo Deleuze, a primeira grande

encenação dos paradoxos do sentido, ora recolhendo-os, ora renovando-os, ora inventando-os, ora preparando-os. Em relação ao tempo esse paradoxo é exemplar.

A cena se passa quando Alice chega à casa da Lebre de Março e se coloca à mesa com ela, o Chapeleiro, que tomavam chá, e o Caxinguelê dorminhoco. Após momentos de conflito entre Alice e a Lebre, o Chapeleiro pergunta: “Por que um corvo se parece com uma escrivanhinha? (p.81). Alice pára, pensa, se irrita com essa questão sem resposta e diz “Acho que vocês poderiam aproveitar melhor o seu tempo”, ponderando que o que fazem é perda de tempo. O paradoxo se impõe na medida em que questões desse tipo nos fazem pensar no sentido e no não senso, na ordem e no caos, presença e ausência do sentido enquanto co-pertencimento. Tempo perdido? Não. Tempo que se passa de forma diferente daquele tempo de *cronos* que Alice se acostumou.

A cena continua... O Chapeleiro pergunta: “Que dia é hoje?” E Alice responde: “Dia quatro”. O Chapeleiro olha no seu relógio que marca o dia e diz estar atrasado dois dias. Alice acha o relógio engraçado e ele responde perguntando se o dela marca o ano. Alice diz que não porque “continua sendo o ano por muito tempo”, e o Chapeleiro responde: “O que é exatamente o caso do *meu*”. Embora Alice e o Chapeleiro estivessem falando a mesma língua, “a observação do Chapeleiro não fazia nenhum tipo de sentido para Alice”. Quando o Chapeleiro perguntou novamente se tinha já havia decifrado o enigma. Alice disse: “não, desisto. Qual é a resposta?”. O Chapeleiro responde: “não tenho a menor ideia” e a Lebre concorda: “nem eu”. Alice irrita-se: “Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo do que gastá-lo com adivinhações que não têm resposta”. E o Chapeleiro: “Se você conhecesse o tempo tão bem quanto eu falaria *dele* com mais respeito.(...) Atrevo-me a dizer que você nunca chegou a falar com o tempo!”. Alice responde: “Talvez não, mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música”. Mas, segundo o Chapeleiro, o tempo não suporta apanhar. E prossegue: “Se você e ele tivessem em boa paz, ele faria praticamente tudo o que você quisesse com o relógio”.

É assim que o Chapeleiro faz? Controla o tempo, conversando com ele? É possível parar o tempo? Alice procurava um sentido para essa questão. Mas, o tempo sempre escapa, mesmo ao Chapeleiro que foi acusado de “assassinar o tempo” pela Rainha de Copas em um concerto. No ato da acusação, ele, o Chapeleiro, parou com o tempo: “Brigamos em março passado. (...) Ele não faz o que peço! Agora, são sempre seis horas”.

Ao ir embora Alice conclui: “Foi o chá mais idiota de que participei em toda minha vida”. Ela continuava procurando um sentido para a pressa do coelho, e, ainda mediada por sua polidez ajuizada, queria explicações razoáveis para tudo. Mas, no decorrer da história ela vai se perdendo nos encontros... fazendo pausas, interrupções, cesuras. Vai perdendo a identidade, seu rosto e percebendo o acontecimento do tempo enquanto devir. Sensibilidade, é isso! Tornar-se sensível às múltiplas maneiras de se relacionar com o tempo. Alice se enlouqueceu com isso.

-*-

O tempo parado, vivido pelo Chapeleiro, pela Lebre de Março e pelo Caxinguelê soou-nos *acontecimento* enquanto *devir*. Falar de devir é falar com Deleuze. Mas, falar de devir com Deleuze, é falar de muitos temas, dentre eles, de subjetividade, para além da identidade. É falar de subjetividade como “ponto de cruzamento de energias coletivas”, “feixes de fluxos”. Assim, falar subjetividade, com Deleuze e Guattari, é falar das múltiplas Alices que se constituem enquanto devir, experiência, acontecimento. Deleuze, reportando-se a Péguy, explica que há duas maneiras de considerar o acontecimento:

[...] uma consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história, mas outra consiste em remontar o acontecimento, em instalar-se nele como num devir, em nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, em passar por todos os seus componentes ou singularidades (DELEUZE, 2000, p. 211).

A primeira maneira de tratar o acontecimento seria a maneira histórica. Entendendo a história como *sucessão*, tempo que os gregos denominaram *cronos*, o tempo da medida, da continuidade que segundo Deleuze e Guattari, “fixa as coisas e as pessoas, desenvolve uma forma determinada de sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 2008b, p. 49). O tempo da profundidade que insistia em permanecer em Alice. Segundo Nietzsche, nada de importante se faz sem uma “densa nuvem não histórica”, pois o que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisas, mas o acontecimento em seu devir escapa à história (DELEUZE, 2000, p. 210). A questão sem resposta do Chapeleiro à Alice também escapa.

O tempo-devir é o tempo *Aion*, que, para Deleuze e Guattari,

[...] é o tempo indefinido do acontecimento, a linha fluante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não para de dividir o que acontece num já-aí e um ainda-não-aí, um tarde-de-mais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar (DELEUZE E GUATTARI, 2008b, p. 48-49).

Os encontros do sonho de Alice a tornaram outra. Agora, ela já não é mais a Alice que permanece. O tempo-duração permanece em Alice quando ela sente o gosto bom da mistura de “torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga”, tudo no mesmo instante dos acontecimentos. Alice inquieta-se com o “massacre do tempo”, a destruição da medida, a supressão das paradas e dos repousos que qualificam e fixam (Deleuze, 2007, p. 82). E se perde nas direções simultâneas e discordantes de *Aion*. Alice perde seu rosto e sobe à superfície.

Aion é a segunda maneira apresentada por Péguy para considerar o acontecimento. É o tempo fluante em relação ao tempo formal de *cronos*. Duas maneiras distintas de temporalidade, dois modos distintos de individuação. Ao modo de individuação propiciado pelo tempo de *aion*, Deleuze dá o nome de *hecceidade*. Enquanto hecceidade, um corpo não se determina pela forma, nem como substância, ou sujeito determinado. O corpo se define pelo conjunto de elementos materiais, ou pelas coordenadas espaço-temporais que lhe pertencem. Assim, para Deleuze e Guattari, não somos mais que hecceidades, ou seja, somos

[...] longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados. [Temos] a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida (independentemente da duração); de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma mantilha (independentemente da regularidade) (DELEUZE E GUATTARI, 2008b, p. 49).

Tempo-rítmico... esse é o paradoxo tempo-sonho-alice apresentado por Carroll. Tempo-estilo onde coexistem corporais e incorporais, *cronos* e *aion*... Tempo-paradoxo, amigo que te puxa e te empurra, deslocando-se sempre no plano da imanência. O plano que pára o tempo a cada novo acontecimento.

O clima, o vento, a estação, a hora não são de uma natureza diferente das coisas, dos bichos ou das pessoas que os povoam, os seguem, dormem neles ou neles acordam (id, p. 50).

Aí se percebe o tempo como acontecimento incorpóreo, sem passado, sem futuro. Plano de encontros de corpos que faz cintilar o puro expresso, que é devir: “não a espada, mas o brilho da espada, o brilho sem espada como o sorriso sem o gato” (DELEUZE, 1997, p. 32). Não a Alice que é, mas aquela que se perde a cada novo encontro.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CANDIDO. Jeferson. Limpar os clichês, desfazer o rosto: devires (ou estratégias de guerra) no Espelho, de Guimarães Rosa. Outra Travessia: *Revista de Pós-Graduação em Literatura*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.II, Psicanálise, Cinema e Literatura, v. 28, p. 46-58. 2011.
- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *A Imagem-Movimento. Cinema I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- _____. *Francis Bacon. Lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.
- _____. *A Imagem-Tempo. Cinema II*. São Paulo: Brasiliense, 2007b.
- _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- _____. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. V.3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008a.
- _____. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. V.4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008b.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- _____. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. V.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.